

### Que pode um corpo LGBTQIA+? Produzindo o piloto de um Boletim de Ciências Sociais

Roberta Santos<sup>1</sup> - Unifesspa

Mateus Cardoso<sup>2</sup> - Unifesspa

Aline Andrade<sup>3</sup> - Unifesspa

Elivia Viana<sup>4</sup> - Unifesspa

Wlisses Lima<sup>5</sup> - Unifesspa

André Oda<sup>6</sup> (Coordenador do Projeto) – Unifesspa

**Agência Financiadora das Bolsas:** Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PROEG/Unifesspa)  
Programa de Ensino: ProLAB e PML

**Resumo:** Na presente apresentação, falaremos sobre a construção de uma ferramenta de divulgação científica no campo das Humanidades da Amazônia. Demos os primeiros passos para a construção de um boletim de Ciências Sociais da região amazônica na forma de um produto audiovisual. A construção deste boletim seguiu a direção de produção de um documentário curto, tendo como referência o trabalho de conclusão de curso (TCC) “Que pode um corpo LGBTQIA+?” do Cientista Social Bruno Andrade.

**Palavras-chave:** Divulgação científica, Boletim de Ciências Sociais, LGBTQIA+, Audiovisual

#### 1. INTRODUÇÃO

Neste ano a equipe do Laboratório de Ciências Sociais (Lapex-Facsat) investiu trabalho, tempo e leituras na construção de uma ferramenta de divulgação científica no campo das Humanidades da Amazônia. Considerando a situação presente de pandemia e com a migração de parte significativa dos trabalhos acadêmicos para o trabalho remoto; considerando a importância crescente (para bem e para mal) da internet para o desenvolvimento das ciências; considerando também a ampliação do acesso a meios de produção audiovisual, decidimos dar os primeiros passos para a construção de um boletim de Ciências Sociais da região amazônica na forma de um produto audiovisual. Para além das ferramentas usuais – como jornais e, em geral, periódicos impressos – a construção deste boletim seguiu a direção de produção de um documentário curto, tendo como referência um trabalho de conclusão de curso (TCC) selecionado.

É sempre interessante destacar a importância de um boletim retratando os avanços de pesquisa nas graduações e pós-graduações em nossa região. Hoje a divulgação dos trabalhos depende das leituras e dos contatos profissionais dos docentes, que participam em bancas e realizam orientações em programas de pós-graduação, tanto na Unifesspa quanto em outras universidades. Até há pouco, essa divulgação acontecia através

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Ciências Sociais (Facsat/ICH/Unifesspa), monitora e bolsista do Programa Monitoria em Práticas de Laboratório. E-mail: < roberta.santos@unifesspa.edu.br >

<sup>2</sup> Graduando do curso de Ciências Sociais (Facsat/ICH/Unifesspa), apoiadora e bolsista do Programa de Apoio a Laboratórios de Ensino. E-mail: < mateusc Cardoso@unifesspa.edu.br >

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Ciências Sociais (Facsat/ICH/Unifesspa), apoiadora e bolsista do Programa de Apoio a Laboratórios de Ensino. E-mail: < aline.andrade@unifesspa.edu.br >

<sup>4</sup> Graduanda do curso de Ciências Sociais (Facsat/ICH/Unifesspa), apoiadora e bolsista do Programa de Apoio a Laboratórios de Ensino. E-mail: < elivia.viana@unifesspa.edu.br >

<sup>5</sup> Graduando do curso de Ciências Sociais (Facsat/ICH/Unifesspa), apoiador voluntário do Programa de Apoio a Laboratórios de Ensino. E-mail: < wlisses.lima@unifesspa.edu.br >

<sup>6</sup> Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Pesquisador e professor efetivo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Facsat/ICH/Unifesspa). E-mail: < oda@unifesspa.edu.br >

de “cadernos de resenhas” e falas em reuniões de pesquisadores que, somados, resultavam em um público bastante reduzido.

O esforço de integração acadêmica proposta pela criação de um boletim visa oferecer uma perspectiva aprofundada sobre os trabalhos realizados, uma perspectiva que não se concretiza em falas de pesquisadores dispersas em palestras e seminários, que normalmente abarcam parcelas selecionadas das pesquisas. Essas falas muitas vezes apoiam-se em pesquisas já realizadas e consagradas na literatura sobre a região, mas a contribuição particular do trabalho do pesquisador muitas vezes resulta diluída em considerações gerais e conjecturas já consolidadas de outros autores. Nesse sentido, o foco nas pesquisas realizadas e acabadas visa destacar os avanços em relação à produção científica anterior sobre as temáticas abordadas.

Um trabalho de divulgação científica é especialmente importante no campo das Humanidades. Outras áreas do conhecimento dispõem de um mercado – ainda que incipiente – de profissionais direcionados para a popularização dos conhecimentos em biologia, na física teórica e aplicada, nos avanços da medicina. Nas humanidades temos, é verdade, “podcasters” e “youtubers” tecendo interpretações e explicações parciais do universo social e histórico, mas não identificamos nenhuma exposição na produção científica focada nos trabalhos completos e definitivos, validados pelos mecanismos de avaliação acadêmicos.

É importante, nesse sentido, pensarmos no campo das humanidades na região amazônica como um corpo científico que exige mecanismos de integração e comunicação mais variados. É esta lacuna que nosso boletim de divulgação científica busca preencher, com a novidade de assumir a forma de produtos audiovisuais, melhor ajustados para o consumo das novas gerações de discentes – mas também os pesquisadores “dinossauros” das gerações anteriores – no admirável mundo (novo, mas não tanto) das redes sociais.

## **2. MATERIAIS E MÉTODOS**

Que pode um corpo LGBTQIA+? Este é o título do TCC do antigo discente de Ciências Sociais, já formado, Bruno Andrade. Este TCC foi indicado pela Professora Dr<sup>a</sup> Joseline Trindade (Facsat/ICH/Unifesspa), que foi orientadora dessa pesquisa. Nesse trabalho, Andrade (2019) remonta a mobilização, desde 2008, para a realização da Parada do Orgulho Gay e suas transformações ao longo dos mais de dez anos. Andrade relata a inclusão e as disputas pela inclusão de novos atores no movimento pela diversidade, em direção a uma representação política que abranja não apenas o homem gay, senão também as mulheres lésbicas, homens e mulheres bissexuais, transgênero, transexuais, além de pessoas queers. As letras das siglas do movimento pela diversidade se ampliam, e passam a abarcar os novos atores: de um primeiro momento de protagonismo dos homens gays, em um segundo momento a sigla GLS aparece (gays, lésbicas e simpatizantes), depois a sigla LGBT (Lésbicas, gays, bissexuais e trans) ganha força. Enquanto atualmente, em nível internacional, a sigla consensuada é a LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, trans ou travestis, queers, intersexuais, assexuais e com o símbolo “+” abrangendo demais atores sociais da diversidade).

Em sua pesquisa, Andrade entrevistou uma série de personagens importantes na construção deste movimento social e sua mais visível expressão, a Parada LGBTQIA+ de Marabá. A equipe Lapex retrçou os passos da pesquisa e uma série de entrevistas foram realizadas com antigas e novas lideranças do movimento social. Apesar das condições limitantes da pandemia, conseguimos entrar em contato com cada um dos atores políticos e sociais do movimento elencados no trabalho, marcamos pré-entrevistas para avaliarmos o potencial heurístico de cada um desses atores, conduzimos entrevistas e tivemos uma razoável receptividade por parte dessas lideranças.

A produção do documentário avançou, desenvolvemos uma metodologia de trabalho intensa, com objetividade e foco no produto. Além disso as relações entre os monitores e apoiadores, e entre estes e o coordenador tornaram-se sinérgicas, cada reunião foi bem-humorada e também profissional, com encaminhamentos bem especificados para cada membro da equipe.

Após um início tateante, três ou quatro questões foram sendo depuradas pela equipe para a produção do documentário. Em primeiro lugar, era importante saber como cada liderança percebia a importância da Parada LGBTQIA+, tanto em termos gerais quanto também no contexto específico de Marabá, no interior do Pará, em realidade distinta daquelas experimentadas nas capitais. A segunda questão diz respeito à experiência

histórica particular de cada um dos organizadores da Parada, destacando as expectativas, as dificuldades, os instrumentos de mobilização. Terceiro: capturar os relatos sobre a inclusão das demais letras da sigla (LGBTQIA+), desde a primazia do homem gay no movimento até a abertura para a pluralidade de sujeitos políticos que incluiu as diferentes sexualidades e identidades de gênero no interior do movimento marabaense. Por último, pareceu-nos bastante importante, nas entrevistas, registrar os diferentes posicionamentos por parte dessas lideranças sobre a aproximação do movimento social com a institucionalidade política local, em particular com a recente incorporação da Parada ao calendário oficial do município de Marabá e consequente contribuição do poder público em termos de custeio e estrutura para o evento.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É sempre necessário registrar que a pandemia do Sars-Covid-2 afetou os trabalhos. Reuniões presenciais tornaram-se impraticáveis, e o trabalho de campo – não necessariamente conectado à *world wide web* – apenas foi tornado possível na medida em que os membros da equipe recebiam a segunda dose da vacina e se imunizavam, semanas depois. Foi prioridade estabelecida pelo coordenador do projeto preservar a saúde da equipe, evitando o contágio e trabalhando remotamente até que houvesse condições de biossegurança para o trabalho presencial, alcançadas, como dissemos, com a segunda dose da vacina contra a Covid-19 e a imunização dos membros.

Não obstante, ao longo do ano de 2021 capacitamo-nos para um trabalho novo bastante fora de nossa antiga zona de conforto, respondendo às demandas impostas à Universidade pela realidade de agudização da imersão da vida social na internet e nas redes sociais. Cremos ter hoje a capacidade de produzir quatro documentários do tipo por ano, de acordo com a acentuada curva de aprendizagem pela qual passamos, tanto monitores e apoiadores quanto o coordenador do projeto.

Criarmos uma ferramenta de divulgação científica que pode ser vista e ouvida é interessante também para que a produção dos trabalhos de conclusão de curso, por parte do alunado, engendre processos de construção de conhecimento mais prazerosos e à altura do desafio em um contexto de anti-intelectualismo e negacionismo científico.

O documentário está em processo de pós-produção e nossa intenção é estreá-lo no V Seminário de Projetos de Ensino. Quando a produção desses boletins se torne contínua, nossa esperança é a de que as comunicações horizontais entre os discentes pesquisadores se intensifiquem, fazendo com que sejam estímulos para a excelência acadêmica e uma contribuição para a revalorização das pesquisas sociais.

### REFERÊNCIAS

Bruno Andrade (2019). O que pode um corpo LGBTQIA+? Corpo, gênero e sexualidade a partir do Movimento LGBTQIA+ de Marabá-PA (2008-2019). Orientadora: Dr<sup>a</sup> Joseline Simone Barreto Trindade. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências Sociais do Araguaia Tocantins, Curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais; Marabá, 2019.